Revista Debates Insubmissos

A COMPREENSÃO COMO ATITUDE DOCENTE NO PROCESSO DE UMA EDUCAÇÃO INTERDISCIPLINAR

UNDERSTANDING AS A TEACHING ATTITUDE IN THE PROCESS OF INTERDISCIPLINARY EDUCATION

Ana Maria Alves de Brito[1]
Maria José de Pinho[2]

RESUMO

Este artigo tem como objetivo propor uma discussão sobre os sentidos da palavra *compreensão*, utilizada por Morin (2015), em seu livro, *Ensinar a Viver: Manifesto para mudar a educação*, ao refletir sobre as relações na educação, em uma perspectiva interdisciplinar acolhedora e sanadora dos problemas sensíveis que afetam o diálogo entre as classes de professores e alunos. Morin (2015) aponta para as dificuldades encontradas na escola brasileira do Século XXI, decorrentes da incompreensão e da falta do pensamento complexo que contribui para o fracasso escolar. Elencamos como metodologia, a análise descritiva dos dados coletados em entrevista e questionário online, aplicado com duas professoras, da 2ª Série do Ensino Médio, de uma escola da Rede Pública Estadual de Teresina/PI. As análises revelaram que os sentidos da compreensão são pouco diferenciados pelas professoras, embora reconheçam sua importância como peça dialógica para a aprendizagem interdisciplinar e significativa na sala de aula.

Palavras - chave: Educação; Sentidos da compreensão; Interdisciplinaridade.

ABSTRACT

This article aims to propose a discussion about the meanings of the word understanding, used by Morin (2015), in his book, Ensinar a Viver: Manifesto para mudar a educação, when reflecting on relationships in education, in a welcoming and interdisciplinary perspective remedying sensitive problems that affect dialogue between classes of teachers and students. Morin (2015), points to the difficulties encountered in Brazilian schools in the 21st century, resulting from misunderstanding and a lack of complex thinking that contributes to school failure. We chose as a methodology the descriptive analysis of data collected in an interview and online questionnaire, applied to two teachers, from the second Series of High School, from a school in the State Public Network of Teresina/PI.

[1] Doutoranda em Estudos Linguísticos e Literários - Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT). Mestra em Estudos de Linguagem - Universidade Federal do Piauí (UFPI). Graduada em Letra/ Português - Universidade Estadual do Piauí (UESPI). E-mail: hanabritoalves@hotmail.com

[2] Pós-doutora em Educação pela Universidade do Algarve (UAlg/Portugal). Doutora Educação e Currículo pela Pontifícia Universidade Católica (PUC/São Paulo). Mestre em Educação – Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Professora Titular - Universidade Federal do Tocantins (UFT – Campus Palmas/TO) E-mail: mjpgon@mail.uft.edu.br

The analyzes revealed that the meanings of understanding are little differentiated by the teachers, although they recognize its importance as a dialogic piece for interdisciplinary and meaningful learning in the classroom.

Keywords: *Education; Senses of comprehension; Interdisciplinary.*

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Este artigo procura abordar a temática da compreensão como atitude integradora das relações na educação, especialmente entre as classes de professores e alunos no ambiente escolar. São reflexões que direcionam para o fazer pedagógico em uma perspectiva de ensino interdisciplinar, propondo como fio condutor o diálogo compreensivo sobre o outro em seus aspectos intelectual e humano. Esses dois campos das relações, na educação, são indissociáveis e importantes para o processo de construção de saberes e cabe, em princípio, aos professores atenuar os vazios e distanciamentos no enfrentamento dos dilemas e conflitos existentes, provocados pela incompreensão, com o fito de promover uma educação interdisciplinar generosa e acolhedora.

Nesse sentido, iniciamos trazendo, como referência para essa discussão, as reflexões apontadas por Morin (2015), em seu livro *Ensinar a Viver: Manifesto para mudar a educação*. Nessa jornada reflexiva sobre ensinar a viver, configurada no espaço da sala de aula, o autor aponta, em seu manifesto, alguns conceitos e conflitos existentes na educação, os quais partem da incompreensão, da inculturação[3] instalada e da falta de uma prática interdisciplinar que deve ser repensada e consolidada, a partir de atitudes humanas, fundamentais para um ensino pautado no respeito e na empatia do diálogo com o outro, que viabilize processos de construção de saberes interdisciplinares.

No contexto educacional, sobretudo o brasileiro, anseia-se por uma demanda de ensino que perpasse os processos culturais, didáticos e pedagógicos que o circunda. Com isso, a educação escolar requer a adoção de práticas educativas humanizadoras que contemplem as diferenças. Para tanto, precisa-se quebrar os entraves da ausência do diálogo compreensivo. Este, que deve promover uma educação interdisciplinar, em oposição às disciplinas circunscritas “dentro da caixinha”. Os modelos pré-organizados pelos professores, em

[3] Utilizamos o termo de empréstimo, em que os sujeitos, no processo de aprendizagem, estão submetidos apenas ao ouvir e observar como mais importantes do que aquilo que se ensina.

detrimento de um sistema que os oprime, sem aberturas para o aspecto da compreensão humana que enfraquecem as relações interpessoais e dialógicas entre as classes educacionais devem ser erradicados, a partir do diálogo constante sobre as carências e deficiências das propostas didático pedagógicas, que muitas vezes, não condiz com a realidade escolar.

Tais modelos têm se constituído como desafiadores nos processos educativos, uma vez que só contribuem para o bloqueio das relações, apresentando-se como antagônicos, seja nas salas de aula da educação básica, seja nas universidades, travando lutas emblemáticas entre essas classes. Pautada nessas relações, a proposta desta pesquisa se justifica pela importância de se repensar o diálogo compreensivo e interdisciplinar entre as classes já mencionadas, uma vez que "introduzir integralmente a compreensão em nossos espíritos seria civilizá-los totalmente" (Morin, 2015, p. 85).

Assim, toma-se a compreensão como mola propulsora do princípio civilizador na educação. Seja no aspecto intelectual ou humano, cabe à escola sua articulação para tornar o ensino humanizado, açambarcando[4] todos os aspectos da vida, como, de fato, deve ser a tônica das relações no ensino. Ou seja, fundamentada em uma prática dialógica situada da vida social, com perspectivas crítica e reflexiva sobre uma educação humanitária, com seus problemas e desafios que, ao serem reconhecidos e identificados, possam ser trabalhados em seu contexto situacional, considerando o outro como ser parte de mim, e eu parte do outro: o princípio hologramático (Morin, 2000).

Logo, é possível afirmar que, é a partir da concepção do pensamento complexo (Morin, 2000) que reside a compreensão que promove o reconhecimento do outro como parte importante para a construção de diálogos compreensivos, considerando as diferentes referências sociais e culturais que favorecem as atitudes de empatia e respeito mútuo. Ademais, é importante que as diferenças sejam trabalhadas como aspectos elementares para a busca do ensino pautado em uma proposta interdisciplinar que se volte para o conhecimento do outro. A buscar o diálogo que compreende e valoriza os traços comuns na coletividade da sala de aula,

[4] O termo aqui utilizado se refere ao fato de a escola tomar para si outros aspectos da vida social do educando e incluí-lo como importantes para a construção do ensino interdisciplinar.

mas também as diferenças na individualidade dos alunos, respeitando seus limites e idiossincrasias, pautado no cultural e, sobretudo, direcionado por um projeto político pedagógico escolar integrador.

Dessa forma, este estudo aponta para uma investigação sobre o aspecto da compreensão entre as classes e as problemáticas que sua falta ocasiona na educação, mais especificamente, na resolução de conflitos e no fortalecimento de vínculos nas relações entre professores e alunos, sob a perspectiva da atitude dialógica de compreender para a promoção da interdisciplinaridade na sala de aula. Para trilhar esse caminho, os profissionais da área da educação, necessitam de que, além da formação para um ensino articulado com as necessidades da vida social e intelectual dos alunos, se voltem para o ensino amparados em práticas docentes humanitárias, que desenvolvam a consciência crítica acerca das diferentes linguagens e que transcenda sua mera disciplina no contexto da sala de aula.

O objetivo desta pesquisa é discutir sobre o sentido da palavra "compreensão", utilizada por Morin (2015), no livro *Ensinar a Viver: Manifesto para mudar a educação*, enquanto termo que estabelece e propõe uma reflexão sobre os caminhos da educação interdisciplinar acolhedora e sanadora dos problemas sensíveis que ocorrem no ambiente escolar. Para sua realização, convidamos duas professoras de Língua Portuguesa da 2ª Série do Ensino Médio de uma escola da Rede Pública Estadual de Teresina/PI. A construção do *corpus* de análise se deu a partir das respostas coletadas em entrevista e questionário online, em virtude da distância interestadual entre as pesquisadoras e as colaboradoras, sobre a atitude da compreensão entre as classes de professores e alunos para a promoção do ensino interdisciplinar.

Elencamos como metodologia a pesquisa descritiva sobre os dados coletados. Como procedimento para a coleta dos dados: i) Disponibilizamos a obra de Morin (2015), para a leitura, socialização e reflexão junto às professoras participantes; ii) realizamos entrevista online (google meet); iii) Aplicamos questionário com 04 (quatro) questões abertas (disponível em plataforma online google forms). O material coletado (registro gravado e transcrito da entrevista, respostas do questionário), foi analisado à luz da abordagem qualitativa (MINAYO, 2006), visando à interpretação dos dados amparados na teoria de Morin (2015), Morin (2000),

Freire (1996), Freire (1999) Fazenda (1979), entre outros, acerca das reflexões das professoras sobre a compreensão na educação.

1. REFLEXÕES SOBRE OS SENTIDOS DA COMPREENSÃO NA EDUCAÇÃO

Abrimos esta seção com a pergunta que Morin (2015), faz em seu livro *Ensinar a viver: Manifesto para mudar a educação.* O que é compreender? Porém, antes do conceito do autor, gostaríamos de, em linhas gerais, expormos aqui, alguns conceitos encontrados sobre o termo. Segundo o dicionário Ferreira (2010, p.181), compreender é "conter em si; abranger; alçar com inteligência; perceber as intenções ou o sentido; entender (alguém); ouvir; estar incluído ou contido". No senso comum, a compreensão deriva de compreender. É algo que permeia a inteligência, que identifica e promove o bem-estar de todas as relações na sociedade. Sem a compreensão, qualidade da inteligência humana, o mundo, a vida e o homem estariam em constantes conflitos e desencontros de ideias.

Segundo o filósofo alemão, Dilthey (2010), compreender é a ação de utilizar a intuição ou a empatia como princípio básico para analisar os processos sociais, ideológicos, culturais e históricos. O que há de comum nesses conceitos sobre o ato de compreender é a atenção para o outro, fazendo-nos entender que a compreensão não se faz sozinha. A empatia é fundante da compreensão e está sempre envolvida em processos que permeiam as relações. Compreender não é solitário, ainda que individual, há sempre a relação entre um "eu" e um "objeto" ou um "outro".

Há sempre um jogo situacional de trocas simbólicas de aprendizados culturais, de conhecimentos individuais e coletivos para estabelecer compreensões, que ora se ligam ao intelectual, ora ao humano. Segundo Morin (2015, p. 71), "a compreensão intelectual é a compreensão do sentido do discurso do outro, suas ideias, sua visão de mundo". Essa compreensão está sempre ameaçada. A princípio pelo "ruído", que parasita a comunicação entre emissor e receptor, cria o mal-entendido, ou o não entendido e pode ignorar o subentendido.

No ambiente educacional, a compreensão intelectual tem vigorado entre as classes, muitas vezes, com arrogância. Os ruídos de que fala o autor, "ecoam" pela falta de generosidade e empatia sobre o ato de ensinar e aprender, pelos distanciamentos entre os interlocutores. O conceito intelectual reside em um aspecto cultural que causa entraves e truncamentos para e na comunicação, porque é determinado, rígido e isso afeta os sentidos. É preciso, para compreender um ponto de vista, atinar os sentidos para a direção do cultural e do humano sobre o que é dito, isto porque a ignorância sobre os ritos e costumes da outra categoria ou classe social pode ser prejudicada pelos ruídos.

Quando a perspectiva da compreensão humana é ignorada e desvalorizada, em relação às nuances da vida cultural dos alunos, isso se torna um entrave no ensino. O ser humano é razão e emoção, mente e corpo, sapiens e demens. Somos feitos de metades que se complementam para formar um todo harmonioso, incluindo a fusão de diferentes áreas do saber, o que Morin (2000), vem chamar de princípio dialógico. Por isso, os saberes não devem ser compartimentados, fechados dentro das áreas do conhecimento, mas articulados uns com os outros para que o ser humano possa ser compreendido na sua totalidade. Segundo Delors *et al*. (1998, p.47),

> a compreensão deste mundo passa, evidentemente, pela compreensão das relações que ligam o ser humano ao seu meio ambiente. Não se trata de acrescentar uma nova disciplina a programas escolares já sobrecarregados, mas de reorganizar os ensinamentos de acordo com uma visão de conjunto dos laços que unem homens e mulheres ao meio ambiente, recorrendo às ciências da natureza e às ciências sociais. Esta formação poderia, igualmente, ser posta ao dispor de todos os cidadãos, na perspectiva de uma educação que se estenda ao longo de toda a vida.

O pensamento de Delors *et al*. (1998), corrobora com o de Morin (2000), ao dizer que, todo conhecimento da realidade que não é controlado pelo paradigma da complexidade, destina-se a ser um conhecimento mutilado. Saber viver, um dos quatro pilares da educação para o Século XXI, proposto por Delors *et al.* (1998), estabelece uma triangulação com o pensamento complexo e com a interdisciplinaridade, conduzindo para uma prática de perceber os detalhes. A sensibilidade do professor é fundamental para esse ponto. Professores atentos podem vislumbrar um simples problema, podendo torná-lo a tônica de sua aula.

A aprendizagem interdisciplinar pode "nascer e crescer" de eventos mínimos invisíveis, gerados a partir de um gesto imperceptível que brota da sensibilidade do professor. Nessa perspectiva, Delors *et al*. (1998, p. 91), afirma em um dos quatro pilares da educação, que

> o aumento dos saberes, que permite compreender melhor o ambiente sob os seus diversos aspectos, favorece o despertar da curiosidade intelectual, estimula o sentido crítico e permite compreender o real, mediante a aquisição de autonomia na capacidade de discernir.

Enquanto compreensão humana, parte intersubjetiva do conhecimento, é preciso buscar em si, muitas vezes, elementos vividos ou situações passadas para poder compreender o outro. Ora, a compreensão é dialógica! E, sendo essa a sua natureza, requer sempre uma abertura e projeção para o outro na identificação das experiências vividas e compartilhadas. Empatia e simpatia para reconhecer o outro como seu semelhante, como diferente, mas também, como parte necessária para as relações, compreendida no princípio analógico como o respeito às diferenças, aos opostos que se completam e são necessários mutuamente.

"O reconhecimento da qualidade humana do outro constitui pré- condição indispensável a qualquer compreensão. Essa qualidade é indispensável na vida cotidiana, na qual ela se manifesta no nível mais elementar, pela cortesia" (Morin, 2015, p. 73,74). É preciso, portanto, ensinar às gerações a necessidade de ser cortês, de reconhecer o outro em sua natureza e em suas virtudes. Não se pode impor ao outro certas condutas e atitudes, porém, pais e professores podem ensinar e orientar os jovens, ou ao menos sensibilizá-los para que as incompreensões não se façam presentes. É no diálogo inclusivo, na participação familiar, no compartilhamento das experiências de saberes empíricos que a escola pode se fortalecer como ambiente de diversidades aceitas, sem a exigência de seres perfeitos e iguais. Assim, é importante nunca esquecer que,

> é na convivência amorosa com seus alunos e na postura curiosa e aberta que assume e, ao mesmo tempo, provoca-os a se assumirem enquanto sujeitos sóciohistórico-culturais do ato de conhecer, é que ele pode falar do respeito à dignidade e autonomia do educando. Pressupõe romper com concepções e práticas que negam a compreensão da educação como uma situação gnoseológica. (FREIRE, 1996, p. 11).

É preciso compreender para estabelecer o diálogo propício entre as classes e evitar as humilhações, desenvolvendo o entendimento sobre o outro como parte e como todo, que contém e está contido, social e intelectualmente, o princípio hologramático (Morin, 2000), repensando e ressignificando a educação por meio da compreensão que gera a atitude interdisciplinar. O professor deve compreender a teia de relações existente entre ele e seus alunos, pautada na articulação do pensamento complexo, do todo que se liga a tudo.

O grande passo para a jornada da compreensão é procurar as raízes da incompreensão em suas modalidades e seus efeitos. Assim, seria possível focalizar não apenas seus sintomas, mas todos os processos decorrentes que contribuem para uma série de fatores que ofendem, excluem e separam os indivíduos na sociedade. São obstáculos que causam a incompreensão, que procura agir pela equivalência de situações dolorosas, a conhecida lei do Talião[5]. Para Morin (2015), os obstáculos da incompreensão estão conjugados pelo intelectual e pelo humano, prejudicando a nossa própria inteligência e consequentemente nossas vidas como sujeitos sociais.

Empatia e compreensão andam juntas. É preciso estar no lugar do outro para sentir as dores do outro, ainda que metaforicamente. A compaixão ao outro, que sentimos ao lermos um romance, ao vermos um filme, ainda que o outro não seja digno de ser compreendido, é utopia de uma lição que a filosofia nos quer repassar. A cerca de nossas emoções, Morin (2015, p.79), reflete sobre o princípio da redução ao dizer que,

> é inumano quando aplicado ao humano. Ele impede compreender que nenhum criminoso é integralmente criminoso, que ele também possui sua múltipla personalidade. Reitera que aquele que cometeu um crime seja permanentemente criminoso, essencialmente um criminoso, integralmente monstruoso.

Na vida em sociedade, agimos com benevolência apenas na distância do outro. Na proximidade, nossa compreensão é contraditória, é utópica. Evitamos o transporte da nossa

[5] Significa lei de tal tipo, condizendo com a ação na devida proporção da agressão. A justa reciprocidade do crime e da pena. Tal pena tal crime. O mal que alguém faz a outro, deve retornar a este, através de um castigo imposto, na proporção daquele mal.

sensibilidade para a realidade porque, simplesmente, nos negamos a estar frente à realidade do outro. Preferimos ser os juízes mais cruéis de suas negatividades a compreendê-los na sua incompreensão. É sobre esses apontamentos que transforma o outro em um ser incapaz de ser compreendido, relegado à exclusão da vida em sociedade.

Com a educação vivendo uma crise global, é urgente que a compreensão se configure como política educativa humanizadora para efetivação do ensino, concebendo-se como instância que agrega a parte e o todo dos indivíduos. O problema da crise educacional é tarefa para uma ação global e ao mesmo tempo individual. "Não temos somente necessidade de compreender, devemos também promover, como um dos remédios para os males da educação, uma ética da compreensão tanto nos professores quanto nos alunos, embora de maneira diferente" (Morin, 2015, p.84).

Sempre haverá virtualidades conflitais entre as classes na educação, porém, para ensinar, a partir de um olhar compreensivo, precisamos do "Eros[6]". Esse que é a paixão do professor pelo o que ensina e para quem ensina. O Eros pedagógico contagiante que inspire os alunos, que seja exemplo de atitude da compreensão tanto intelectual, quanto da compreensão humana. A escola precisa de professores contaminados pelo Eros que os direcione para uma prática educativa, que liberte para a vida e para o mundo, que se volte para atitudes de reflexão sobre compreender o outro. É importante lembrar que,

> a educação como prática da liberdade, ao contrário daquela que é prática da dominação, implica a negação do homem abstrato, isolado, solto, desligado do mundo, assim como também a negação do mundo como uma realidade ausente dos homens (Freire, 1999, p. 98).

O processo educativo é o exercício compreensivo da liberdade que permeia a teia das relações. Nenhum professor pode transformar sua prática educativa sem o "Eros de Platão"! Sem a complexidade da atitude da compreensão que tudo transforma. Ensinar está intimamente ligado a compreender para poder transformar, "inspirados pelo fogo sagrado"[7](MORIN, 2015).

[6] Segundo Platão, Eros é o amor que mantém a razão e a sensibilidade.
[7] Tomado do sentido religioso, ser tomado pelo amor divino, que compreende, paciente e acolhedor

É na compreensão intelectual e humana que o professor transforma sua ação numa prática pedagógica interdisciplinar.

Para Freire (1996, p. 20), “quem ensina aprende ao ensinar, e quem aprende, ensina ao aprender. Educador e educando devem negar a passividade, o ‘depósito’ de conteúdos em um ‘recipiente vazio’ . Educar é substantivamente formar”. O aluno não é depósito de informações (Freire, 1987). O professor deve contribuir para o ensinar significativo e contextualizado dos alunos, ancorado na compreensão que oportunize a esses, ações mútuas que os proporcione a ressignificação do ensinar e do aprender articulados às diferentes áreas de conhecimento.

É papel do professor colocar em prática sua missão de ensinar por meio da compreensão, tendo-a como objeto de valorização para o reconhecimento da qualidade do aluno e de sua cultura. É pelo viés da bondade e da atenção que se deve ensinar a compreensão na sala de aula e, também, receber de volta a compreensão. Nesse jogo de trocas valiosas, devem evitar as humilhações nas relações para que o ato de compreender entre as classes colabore para aprendizados recíprocos.

2. O ENSINO EM UMA PERSPECTIVA INTERDISCIPLINAR ACOLHEDORA NA SALA DE AULA

No contexto de uma educação escolar compreensiva, sobre a qual estamos falando (Morin, 2015), pautada nos aspectos intelectual e humano dos alunos, trazemos, à baila, a questão da interdisciplinaridade como dinâmica para o currículo, tanto na dimensão da aprendizagem dos alunos quanto nos mecanismos dialógicos dos professores na sala de aula. Vivendo na complexidade dos tempos modernos, a escola como um dos principais e legítimo espaço de construção de saberes, necessita tomar a seu cargo as práticas interdisciplinares pelo viés pedagógico, metodológico e ontológico.

Principiamos por dizer, ancoradas em Freire (1987), que uma educação humanizadora requer, como proposta para o ensino, a articulação efetiva de seu currículo vinculado à vida cotidiana, na crescente experiência com as práticas sociais. À luz de uma sistematização rigorosa e crítica sobre o que se ensina e se aprende, o currículo é um guia que necessita ser

reavaliado, constantemente, para a inserção de práticas pedagógicas que contemplem o contexto real, no qual os sujeitos estão inseridos.

Para Luck (2013), um dos aspectos importantes para a lógica cognitiva sobre os saberes dos indivíduos no mundo é o aspecto da construção do conhecimento interdisciplinar. A autora confere à interdisciplinaridade o lugar de atitudes responsáveis pelas ações que devem proporcionar ao ser humano, vivendo em sociedade, a resolução de questões para suas angústias, contribuindo para uma vida plena e satisfatória. Assim, é a partir de um novo olhar para o ensino pautado na interdisciplinaridade, que supere a visão fragmentada dos processos de produção e socialização do conhecimento, que os alunos poderão ser capazes de enfrentar seus conflitos individuais participando, crítica e ativamente, como autor de sua própria história social.

Ademais, o trabalho interdisciplinar na educação deve propor a mútua relação entre professores, alunos, escola e família, permeados pelo diálogo como atividade fundante em uma rede de conexões que envolva o processo de construção do conhecimento. A escola, como lugar legítimo de educação formal e autorizada para isso, necessita reavaliar seu currículo para contemplar a perspectiva da vida real de educadores e educandos.

Para tanto, é preciso estabelecer um elo entre educação e realidade social como espelho onde se possa enxergar as problemáticas existentes na tônica da vida dos sujeitos. Onde todos se reconheçam como colaboradores das ações educativas, como partes e como todo, que constitui o pensamento complexo (Morin, 2000). A vida em sociedade deve fazer parte do currículo escolar, configurando-se como “ciência empírica” que dialoga com diferentes áreas do conhecimento, passando a ser tratada como fenômeno que influencia, diretamente, na visão de mundo e na aprendizagem dos indivíduos.

Claro está que a interdisciplinaridade abarca todos os aspectos da vida social e, em uma perspectiva moderna e dialógica, vem se constituindo como processo articulador da aprendizagem no contexto da sala de aula. Desta forma, os professores precisam romper “a margem de sua disciplina” para construir, junto a seus alunos, um ensino interdisciplinar que vá além de trabalhar um texto na aula de História ou de Biologia, o que nada tem a ver com ser interdisciplinar. A profundidade do tema está no diálogo com o subjetivo da vida dos alunos.

É sobre o diálogo globalizante, que garante o conhecimento científico e perpassa o debate sobre as nuances da vida. Para isso, é preciso reprogramar o currículo, os métodos e, principalmente, a relação com a aprendizagem de saberes empíricos que esbarram nos intramuros da escola. Segundo Thiesen (2008, p. 552), é importante lembrar que,

> a escola é um ambiente de vida e, ao mesmo tempo, um instrumento de acesso do sujeito à cidadania, à criatividade e à autonomia. Não possui fim em si mesma. Ela deve constituir-se como processo de vivência, e não de preparação para a vida. Por isso, sua organização curricular, pedagógica e didática deve considerar a pluralidade de vozes, de concepções, de experiências, de ritmos, de culturas, de interesses.

A construção de um espaço intersubjetivo para ensinar e aprender deve quebrar velhos conceitos sobre as relações no ensino aprendizagem no ambiente formal da escola. Embora haja tímidos avanços, diante de um mundo conectado pelas tecnologias, é visível que as velhas práticas já não cabem e nem agregam na efetivação do ensino nos tempos atuais. Novas perspectivas, baseadas nas relações de reciprocidade e de respeito e pautadas na emergência das trocas simbólicas culturais e individuais, ressignificadas pela vivência de fatos do cotidiano, são propostas para novas formas de aprendizagem.

Os professores não são, e não devem ser vistos como detentores de um saber pronto e acabado. Vimos carregando por tantos anos esse fardo responsável por ser a “enciclopédia” de conhecimentos que, humanamente, nunca seremos. Não saberemos de tudo e isso é bom para que nossa “arrogância” não se “perpetue”. Ensinar e aprender são trocas constantes de aprendizados e o compartilhamento de saberes, no campo da espacialidade interdisciplinar, tem proposto o convite aos professores e alunos para se tornarem coparticipes desse processo.

Os professores devem contribuir como mediadores, quebrando a linearidade de modelos cristalizados que já não condizem mais com a sociedade em movimento na qual vivemos. É preciso que os profissionais da educação estejam atentos às transformações profundas por que tem passado a pedagogia do ensino na modernidade. Segundo Fazenda (1979, p. 48), “passa-se de uma relação pedagógica baseada na transmissão do saber de uma disciplina ou matéria, que se estabelece segundo um modelo hierárquico linear, a uma relação pedagógica dialógica na qual a posição de um é a posição de todos”.

Diante do desejo de transformações e rupturas de práticas antigas, não basta apenas a emergência de relações dialógicas, importa mais saber como introduzi-las em uma perspectiva interdisciplinar que favoreça novos caminhos na direção de práticas de ensino que realmente integrem as partes do processo educativo de modo circulante e produtivo, que Morin (2000) chama de princípio recursivo. Para tanto, a educação interdisciplinar tem a difícil tarefa de trabalhar os dois aspectos da compreensão, o intelectual e o humano, para contribuir com a educação compreensiva na vida dos alunos. Segundo Morin (2000, p. 96), essa tarefa é difícil porque,

> os obstáculos intrínsecos às duas compreensões são enormes; são não somente a indiferença, mas também o egocentrismo, o etnocentrismo, o sociocentrismo, que têm como traço comum se situarem no centro do mundo e considerar como secundário, insignificante ou hostil tudo o que é estranho ou distante.

Para o trabalho com essa dupla compreensão é preciso instalar novos paradigmas que quebrem as indiferenças. Portanto, o trabalho com a interdisciplinaridade na escola é uma atitude de ousadia para a construção de novas fronteiras do conhecimento. Ousadia dos professores que, como mediadores do processo de ensino, devem revisitar, constantemente, seus conceitos e suas práticas para adequá-los a um currículo voltado para a compreensão intelectual e humana de seus alunos. Ousadia dos alunos, pois precisam expor e dialogar com seus conflitos sociais e culturais em um lugar de vivências que, muitas vezes, se faz presente a incompreensão diante de suas vulnerabilidades, omitindo o diálogo com o ensino na escola. Mudar esse caminho é uma jornada que requer a dupla compreensão que produz a interdisciplinaridade na aprendizagem.

3 A CONSTRUÇÃO METODOLÓGICA DO ESTUDO

Nesta seção, abordaremos os procedimentos metodológicos adotados, a partir da pesquisa descritiva. A coleta dos dados aconteceu de forma remota, via Google Meet, com aplicação de questionário online com quatro (04) questões abertas. As colaboradoras são duas professoras de Língua Portuguesa, da 2ª Série do Ensino Médio, de uma escola pública estadual

em Teresina/PI. As discussões giraram em torno da temática "compreensão" na educação. As inquietações surgiram após a leitura do livro de Edgar Morin (2015), *Ensinar a Viver: Manifesto para mudar a educação*, na disciplina Fundamentos em Interdisciplinaridade, Práticas Educativas e Saberes na Formação Docente, da Pós-Graduação em Estudos Linguísticos e Literários.

A leitura da obra de Morin (2015), traz uma linguagem acessível e fundamental para a prática dos professores, enfocando problemáticas e dilemas enfrentados, no tocante à compreensão intelectual e humana no cotidiano das escolas do país. A partir da leitura, reacendeu-nos o desejo da discussão, ao tempo em que estendemos o convite às professoras que, prontamente, aceitaram conhecer a obra e a colaborar com as reflexões sobre a atitude da compreensão como prática reflexiva para uma proposta de ensino interdisciplinar na sala de aula.

Para o processo da coleta de dados, seguimos alguns procedimentos metodológicos, como:

i) disponibilização do livro para leitura e socialização junto às professoras colaboradoras;

ii) entrevista online (google meet);

Dispusemos o livro em pdf (online) para as professoras colaboradoras, após o convite aceito para participar. Estabelecemos um prazo de cinco (05) dias para a leitura do livro. Ao final do prazo, seguimos com a segunda etapa, socialização da leitura e entrevista realizada pelo Google Meet. Como exposto anteriormente, as colaboradoras são professoras em uma escola da Rede Pública Estadual do Piauí, localizada na capital Teresina, enquanto as pesquisadoras se encontram em atividade acadêmica em Araguaína – Tocantins.

A entrevista não seguiu um roteiro. As professoras relataram sobre suas impressões sem intercorrência das pesquisadoras.

iii) aplicação de questionário no Google Forms com 04 (quatro) questões abertas.

01. Qual (ais) a (s) concepção (ões) você tem sobre a atitude de compreender na sala de aula?
02. Os alunos têm abertura para dialogar com outros saberes na sala de aula?
03. Você acredita que a compreensão facilita o diálogo interdisciplinar na sala de aula?
04. Como você diferencia compreensão intelectual de compreensão humana?

No quadro a seguir, apresentamos as colaboradoras da pesquisa.

Quadro 01- Os sujeitos e o cenário de atuação.

Professora	Escola	Sexo	Formação
A	CETI- João H. de Almeida Sousa	F	Professora de Língua Portuguesa, graduada em Letras/Português/Espanhol. Especialização em Literatura
B	CETI- João H. de Almeida Sousa	F	Professora de Língua Portuguesa, graduada em Letras/Português. Mestrado em Estudos Literários.

Fonte: Elaborado pelas autoras (2023)

4. ANÁLISE DO QUESTIONÁRIO SOBRE A ATITUDE DA COMPREENSÃO COMO PRÁTICA INTERDISCIPLINAR NA SALA DE AULA.

As análises ocorreram a partir da transcrição das respostas dadas no questionário e dos registros e impressões captadas na entrevista. Buscamos delinear, a partir das declarações das professoras colaboradoras, a postura do fazer e do ser pedagógico, frente à atitude de compreender para uma prática de ensino interdisciplinar na sala de aula. No quadro 02, apresentamos a visão das colaboradoras da pesquisa a respeito da noção de compreensão para um ensino interdisciplinar na sala de aula.

Quadro 02 - Qual (ais) a (s) concepção (ões) você tem sobre a atitude de compreender na sala de aula?

Professoras	Respostas
A	*A concepção que eu tenho é que tenho que compreender meu aluno até onde ele sabe e daí em diante eu ajudar. É uma construção diária, porque para compreender precisamos do amor por ensinar e por nosso aluno. Compreender é ter paciência para o aluno aprender no tempo dele.*
B	*Eu preciso compreender que meu aluno tem limites e que nem sempre a matéria é o importante pra ele. Ele tem outros conhecimentos e habilidades que eu posso estar trazendo pra sala de aula. Devo compreender primeiro como ser humano com fraquezas e necessidades.*

Fonte: Elaborado pelas autoras (2023)

O trabalho dos professores na sala de aula exige uma tarefa múltipla. Requer muitas demandas e necessita que, além do que é proposto na base curricular de ensino, esteja, também, integrado com outros saberes que perpassam sua disciplina, de tal forma que, contemplem um

ensino voltado para a interdisciplinaridade. Proposta pela Base Nacional Comum Curricular – BNCC (Brasil, 2018), a interdisciplinaridade deve enfatizar as práticas sociais que contribuam para novas habilidades na vida dos alunos.

Observamos que, nas respostas das professoras **A** e **B**, há a fidelidade de seguir todo um plano estabelecido, demonstrando uma preocupação com os conteúdos propostos pelo currículo. Ainda que a professora **A** mencione sobre o amor, "o Eros e o fogo sagrado", dos quais fala Morin (2015), não há ações conscientes em seu plano de ensino que contemplem a compreensão humana. As professoras relataram sobre o sentimento de pressão, tanto do sistema, quanto da família dos alunos para seguir a proposta do livro. As instituições, família, escola e o sistema como um todo, reforçam e validam a compreensão intelectual (Morin, 2015), como mote da aprendizagem na sala de aula, por esta ser entendida apenas como espaço intelectual.

A professora **B** realça, em sua fala, os limites e as habilidades dos alunos e afirma que traz esse aspecto para o ensino, muito embora deixe transparecer que de forma esporádica. Compreendemos essa angústia. A compreensão humana (Morin, 2015), vaga em um segundo plano e as propostas que contemplam, conscientemente, se perdem ou se tornam conteúdos secos sem pouca ou nenhuma finalidade, pois sua própria disciplina já as consome, em detrimento da obrigação de um currículo proposto pelo sistema. Cada vez mais observamos a urgência dos professores, em uma demanda geral, em conquistarem sua autonomia, de forma a redirecionar seu currículo para as necessidades de seus alunos, transformando-o em objeto para construir laços de compreensão humana (Morin, 2015), acolhedora e facilitadora da convivência em uma perspectiva interdisciplinar.

As entrevistadas entendem que o ensino não pode acontecer separado da realidade social, devendo ser agregado a outros saberes interdisciplinar, porém esse aspecto foge à realidade cotidiana na escola, dando pouca ou quase nenhuma atenção às problemáticas dos alunos, em virtude das demandas de um currículo imposto por um sistema que acaba por oprimir tanto professores quanto alunos.

No quadro 03, apresentamos o entendimento das professoras sobre os possíveis diálogos com outros saberes na sala de aula, uma das maiores problemáticas no ensino. As atividades

que propõem uma relação com a vida podem contribuir para novas habilidades que os alunos já têm e não são exploradas.

Quadro 03 - Os alunos têm abertura para dialogar com outros saberes na sala de aula?

Professoras	Respostas
A	*Sempre que trabalhamos a disciplina falamos de outros assuntos. Às vezes, falo sobre minhas vivências e muitos deles ficam interessados ou contam fatos semelhantes. Eles têm muitos conflitos e ajudo aconselhando, como posso, pelas minhas experiências.*
B	*O tempo é corrido para dar todo conteúdo, mas eu tento. Uma vez por mês, trabalhamos algum filme e trazemos isso pra nossa realidade. O teatro literário foi uma forma que consegui fazer com que os alunos dialogassem mais, buscassem autonomia e respeito. Esse contexto abriu para melhor qualidade do ensino para meus alunos. Eu pude compreendê-los melhor.*

Fonte: Elaborado pelas autoras (2023)

É importante que, no processo educativo, em todos os seus níveis de ensino, os professores estejam em constante movimento e atenção aos questionamentos dos alunos para não os deixar sem respostas. Compreender os alunos, não só em suas necessidades intelectuais e específicas de cada disciplina, mas também, em sua dimensão humana, acolhendo, apontando horizontes e facilitando a convivência com outros saberes interdisciplinares (MORIN, 2015). Durante a pesquisa, observamos que o espaço de articulação interdisciplinar na sala aula tem uma configuração ainda muito restrita. As professoras se sentem na obrigação, em primeiro, de não fugir da temática de sua aula.

Porém, ainda que não seja evidenciado com a frequência esperada, observamos, no discurso das professoras **A** e **B**, a presença de diálogos sobre outros saberes que entremeiam os conteúdos (Delors *et al*, 1998). Em contrapartida, o enfoque para esses saberes adquire pouca relevância e tem pouco espaço para a abordagem na sala de aula, isto porque os professores estão sempre sobrecarregados com outras demandas impostas. Alguns assuntos compartilhados pelos alunos, embora tidos como fora do contexto, ganham relevância, mas não a devida, que possa conferir importância para sua vida.

É notório que, quando essas temáticas humanas fluem na sala de aula, elas são imediatamente abortadas. As professoras justificam que o aspecto intelectual é cobrado pelo sistema e, mais ainda, pela própria família. Na maioria das vezes, alunos interpelam sobre outros saberes que não são contemplados pelo currículo, e o professor não seguem adiante porque, para o sistema, o que não contempla o currículo, não é válido como saber. A cultura do somente "compreender intelectual" (Morin, 2015) é predominante na sala de aula até por questões culturais. A mentalidade de que a escola foi feita para ler e escrever (Freire, 1999) ainda persiste em detrimento do diálogo com outros saberes da vida cultural.

Mas, há luz no fim do túnel! Diante das dificuldades, algumas atitudes são elencadas pelas professoras **A** e **B** para construir o diálogo interdisciplinar com os alunos. As atividades lúdicas como filmes, teatro e música podem abrir as portas para diálogos nunca antes propostos. Esse universo das multilinguagens é dos jovens, e o professor deve estar antenado e ajustado com esses diálogos. Ser professor é acompanhar a evolução daqueles os quais nos propomos a "ensinar", ou seja, orientar pelo caminho educativo. E por que não da vida?

No quadro 04, interrogamos as professoras sobre a metodologia interdisciplinar na sala de aula, procurando entender como a compreensão, sobre os mais diversos conteúdos, pode ser facilitadora de um ensino que os alunos possam se identificar.

Quadro 04 - Você acredita que a compreensão facilita o diálogo interdisciplinar na sala de aula?

Professora	Respostas
A	*Sim. Sem compreensão não há diálogo nem aprendizagem. É preciso que o professor saiba conduzir isso na sala de aula. A interdisciplinaridade deve estar presente na sala de aula porque hoje vivemos conectados.*
B	*Sim. Mas o professor também precisa estar preparado. Atento, informado. Tem que estar evoluído e não ser o dono do assunto porque, hoje, há assuntos que os alunos sabem até mais. É preciso compreender.*

Fonte: Elaborado pelas autoras (2023)

A professora **A**, diz acreditar que é preciso primeiro compreender para haver o diálogo. Que o professor saiba ser mediador daquilo que interessa aos alunos. Ela acrescenta que todo

respeito vem do diálogo e que trabalhar outras atividades que o aluno não tem contato poderá ser mais estimulante. Essas atividades propõem o respeito, a cooperação e a autonomia (Freire, 1996), e frente a essas atitudes, muitos conflitos são dissipados. Segundo a professora **B**, a escola passa a ser um ambiente mais respeitoso e cooperativo quando todos se entendem. Afirma, ainda, que os alunos sabem melhor compartilhar os saberes, são mais amigos dos amigos, que dos próprios professores.

A "rivalidade" causa a falta do diálogo entre as classes. Morin (2015), acredita que a única forma de a escola erradicar a violência física e moral, seja com alunos, seja com professores, é buscando esse diálogo compreensivo. É preciso ter sempre atitude de compreensão para ser interdisciplinar, para agregar valores. Para Morin (2000), a falta do diálogo compreensivo tem suas raízes no egocentrismo que impedem as classes no trabalho com o intelectual e com o humano. No quadro 05, exploramos as possibilidades de compreensão (intelectual/ humana) no atrelamento para resolver questões no ensino dos alunos.

Quadro 05 - Como você diferencia compreensão intelectual de compreensão humana?

Professoras	Respostas
A	*Acho que estão interligadas. O intelectual é inovador, é complexo. Precisa eu conhecer o outro em seu contexto. Já o humano é mais afetivo, empático. O aluno não faz esforço para 'ajeitar' um celular, um notbook, coisa que muitos professores não sabem.*
B	*Acredito que é muito complexo, mas acho que compreender intelectual é mais rígido. Compreender humano é mais das emoções, se colacar no lugar do outro e ser ajuda, ter bondade.*

Fonte: Elaborado pelas autoras (2023)

Segundo a professora **A**, a compreensão intelectual está mais para os próprios saberes da disciplina. Acha que além do professor, o aluno também tem esse saber, porque já nasceu em um mundo globalizado e aprende muito fora do ambiente da escola. Falta reconhecer esse aluno, seu potencial, sua família, seu bairro, sua vida. Ele tem sua história que deve ser vista, valorizada e posta no centro de sua aprendizagem, justifica.

O aluno tem seu saber, ainda que precise ser lapidado. Muita coisa ele tem de intelectual, e o que não tem, é a escola que deve estar apta a fazer isso e não pode subjugá-lo. A professora **B** acredita que são dois lados importantes para que a educação aconteça. Compreender deve ser um exercício diário. Não se fala aqui de compreender como entender uma situação, saber identificar (Dilthey, 2010). É mais do agir, ser partilhador de diferentes conhecimentos, saber *lincar* sobre diversos assuntos. Segundo a professora **B**, a interdisciplinaridade não está em compartilhar vários assuntos soltos, mas saber ser e saber fazer de um assunto um link para outros (Morin, 2015).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluímos que, a atitude da compreensão na sala de aula é condição fundamental para o ensino baseado no diálogo entre as classes. Toda aprendizagem deve ser fruto do diálogo por meio do qual, professores possam melhor conduzir o ensino e os estudantes possam ter acesso ao conhecimento interdisciplinar. É preciso educar para a compreensão permitindo aos alunos a serem livres para dialogar, livres para criar, para escolher, para dar sentido aos saberes em suas vidas, conhecendo, reconhecendo e assumindo seu papel no mundo por meio da afetividade e do respeito, desenvolvendo suas potencialidades e somando-as aos seus aprendizados por meio da palavra e da ação que transforma.

É dessa educação que aqui falamos. A educação que proponha, antes de ensinar, uma reflexão para o que é o compreender intelectual e, sobretudo, o compreender humano, obedecendo as hierarquias e o valor que o professor tem, suas experiências, sua riqueza cultural como ser transformador. Não basta ao professor ser lembrado como aquele que transforma. Ele precisa ser valorizado pela sua tarefa ardorosa. Não é fácil ser professor. Há sempre a exigência de o saber ser interdisciplinar, transdisciplinar. É preciso o respeito de quem cria as leis, das famílias que precisam do saber do professor para seus filhos.

Manteremos a esperança da transformação dessa realidade que precisa, urgentemente, ser digna e feliz. Do sujeito que deve permear em diferentes contextos, que deve estar envolvido, sobretudo, emancipado de um ensino orientado junto às práticas cotidianas, criando um comprometimento com a comunidade à qual pertence. Nessa práxis da compreensão, nessa troca de afetividade, da atitude de compreender, o professor também desenvolve, constantemente, seus potenciais intelectuais e humanos, crescendo todos os dias com seus alunos em suas vivências.

Quanto às professoras colaboradoras, as análises revelaram que, para elas, a compreensão tem um sentido diferente do apontado por Morin (2015). Observamos que não há uma distinção específica, no plano da aprendizagem, sobre compreensão intelectual e compreensão humana, porém, esses conceitos estão bem presentes em suas práticas na sala de aula, apontando que as educadoras têm consciência da importância da interlocução entre professores e alunos e o entendimento de que a compreensão é peça dialógica necessária para uma aprendizagem interdisciplinar significativa.

Quem pela atitude de compreender ensina intelectualmente e, sobretudo, humanamente, sempre aprende, e quem aprende, sempre ensina. A atitude de compreender constitui-se como "Eros" e como "fogo sagrado" (Morin, 2015), para uma educação interdisciplinar, sem agressões, sem ofensas, sem humilhações para ambas as classes. Educar é, portanto, uma oportunidade única de construir o conhecimento. O professor ao orientar os alunos, fazendo uso da cultura de cada indivíduo e dos conteúdos uma porta para a interdisciplinaridade e para as interações em sala de aula, estará permitindo a esses que se situem no mundo e desenvolvam suas potencialidades.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/. Acesso em: 20/10/2023

DELORS, Jacques. et al. Educação: um tesouro a descobrir: **relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI.** São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 1998.

DILTHEY, Wilhelm. A formação do mundo histórico nas ciências do espírito. In: **Filosofia e Educação: textos selecionados**. (Org.). e introdução de Maria Nazaré de Camargo Pacheco Amaral. São Paulo: Edusp, 2010, p.139-236.

FAZENDA, Ivani Catarina. **Integração e interdisciplinaridade no ensino brasileiro:** efetividade ou ideologia. São Paulo: Loyola, 1979.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Mini Aurélio**: o dicionário da língua portuguesa. 8. ed. - Curitiba: Positivo, 2010, 960 p.

FREIRE, Paulo. **A Educação como Prática da liberdade**.23ª. Ed.Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo**. Pedagogia do Oprimido**. 22. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

LUCK, Heloísa. **Pedagogia interdisciplinar**: fundamentos teórico-metodológicos. 18. ed., Petrópolis: Vozes, 2013.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O Desafio do Conhecimento:** pesquisa qualitativa em saúde. 10. ed. rev. e aprim. São Paulo: Hucitec, 2006.

MORIN, Edgar. **Ensinar a Viver: Manifesto para mudar a educação**. Tradução: Edgard de Assis Carvalho e Mariza Perassi Bosco. – Porto Alegre: Sulina, 2015. 183p.
MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro** ; tradução de Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya ; revisão técnica de Edgard de Assis Carvalho. – 2. ed. – São Paulo : Cortez ; Brasília, DF : UNESCO, 2000.

THIESEN. Juares da Silva. A interdisciplinaridade como um movimento articulador no processo ensino-aprendizagem. **Revista Brasileira de Educação** v. 13 n. 39. P. 545 - 598set./dez. 2008

Recebido em:23/05/2025

Aprovado em:24/05/2025